



## A NOÇÃO DE MASTURBAÇÃO NO PENSAMENTO DE SIGMUND FREUD

Suzanna Ares Gontijo Pinto<sup>1</sup>, Juliana Aline Andrade Vila Pacheco<sup>2</sup>, Carolina Escobar de Almeida Prado<sup>3</sup>

1. Estudante de Psicologia; e-mail: aressuzanna@outlook.com;
2. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: julianapacheco@umc.br;
3. Professora – Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: carolinaalmeida@umc.br.

**Área do conhecimento:** Fundamentos e Medidas da Psicologia.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Masturbação; Sexualidade; Sigmund Freud.

### INTRODUÇÃO

As primeiras discussões sobre a masturbação, segundo Brenot (1998), ocorrem na Europa e datam a partir da descoberta do espermatozoide (em 1677) por Leeuwenhoek, data que marca também a revisão da moral sexual da época, a moral cristã. Esta condenava o pecado da carne, desse modo o corpo deveria ser policiado, já que proporcionava desejos e vontades, conduzindo a prática do pecado, principalmente a luxúria (BRENOT, 1998; FIGUEIREDO E SANTI, 2017). Brenot (1998) aponta que, em sequência, também se verificou que dentre todos os fluidos corporais, apenas o líquido seminal possuía vida, já que encontrava nele milhões de pequenos seres iguais aglomerados que se movimentavam sem parar. Logo, se por um lado havia o encanto dos cientistas em torno desses estudos, por outro a preocupação do fim da população, já que acreditavam que esses milhares de pequenos seres eram mortos em uma ejaculação sem finalidade reprodutiva. À vista disso, discursos alarmistas sobre o apocalipse relacionados ao fim da espécie humana, começam a surgir, tais como: a possível extinção da humanidade causada pela masturbação, que configuraria um crime contra a natureza dos homens e viola a lei de Deus, qual seja: a reprodução. Conforme Brenot (1998), no século XVIII, surgem campanhas a respeito das graves implicações que a masturbação possivelmente causava, com o intuito de preservar não só as futuras vidas, mas também a população. A primeira publicação data de 1710, na Inglaterra, intitulada *Onania, ou o pecado hediondo do auto poluição e todas as suas consequências terríveis em ambos os sexos, considerado com conselhos espirituais e físicos*. Ao fim dessa época, início do século XIX, a medicina vivenciava novas transformações, fundava-se a medicina clínica e positiva, marcada pela anatomopatologia, em que as doenças eram localizadas no corpo. Desse modo, os médicos introduziram outra causalidade patológica a masturbação, no domínio agora da sexualidade, e conferia-se a descoberta do autoerotismo à responsabilização patológica. Assiste-se então há

responsabilização do enfermo pela causa de seu adoecimento (FOUCAULT, 2010). A compreensão passa a ser: “[...] se você está doente, é porque quis; se seu corpo foi atingido, é porque você o tocou.” (FOUCAULT, 2020, p. 210). Diante desse cenário, essas discussões irão interessar o médico austríaco Sigmund Freud que, no fim do século XIX, está às voltas com os estudos sobre as histéricas, fato que permite a invenção da psicanálise e a reformulação semântica da noção de sexualidade que segue contemporânea até os dias atuais. Esta reformulação pode ser encontrada no decorrer da obra freudiana; porém, é no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que Freud apresenta a noção de sexualidade infantil e desenvolve formulações que irão apresentar a sexualidade humana como perverso polimorfa. De acordo com sua argumentação, isto significa dizer que a experiência da sexualidade fugiria à norma de sua época (em que a sexualidade era tomada como sinônimo de um ato sexual entre um homem e uma mulher que visasse a reprodução) e teria variadas possibilidades de expressão. Mas o que Freud teria a dizer sobre o fenômeno da masturbação? Diante desta interrogação esta pesquisa tem por objetivo investigar de que forma Sigmund Freud concebe e/ou articula o fenômeno masturbatório em seus textos; recolher qual seria o posicionamento da psicanálise freudiana no que tange à temática da masturbação e verificar de que maneira a argumentação freudiana contribui para os debates atuais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa teórica, de caráter exploratório que se sustenta na modalidade de pesquisa acadêmica conhecida por ‘investigações em psicanálise’. Esta visa a produção de conhecimento ao tomar um objeto de estudo o fenômeno masturbatório a partir da teoria psicanalítica (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006). Sendo assim, essa é uma pesquisa a qual tem como finalidade o desenvolvimento do conhecimento científico através de um domínio bibliográfico já existente em que possa realizar um diálogo de modo crítico (DEMO, 2013; APPOLINÁRIO, 2011). No que toca aos procedimentos, em um primeiro momento houve a reunião de todas as obras escritas por Sigmund Freud em formato digital, excluindo os textos pré-psicanalíticos e os esboços anteriores a 1900, com exceção dos textos: “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Rascunho A” e a “Carta 79” datadas entre 1892 e 1897, período em que se aborda pela primeira vez a temática masturbatória. Após essa etapa, cada produção foi acessada individualmente através do programa *Adobe Acrobat Reader DC*, onde ativou-se a ferramenta de localização de termo, em que foi digitado a palavra “masturbação”. Essa busca, filtrou em todos os textos esse vocábulo e a partir dessa seleção averiguou-se quais escritos abordavam o conteúdo e quais apenas citavam o termo. Diante dessa busca, foram reunidos 45 textos, no entanto, apenas 10 (dez) textos atenderam o seguinte critério de inclusão: publicação de cunho psicanalítico que aborde a

masturbação e suas dimensões. Dentre essas produções, escolhemos cinco como material empírico: *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1892-1899) – Rascunho A (1892), Carta 79 (1897)* por tratarem da primeira vez em que Freud cita sobre a masturbação, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905); O debate sobre a masturbação (1912)*, por serem obras em que o autor constrói e trabalha a noção do fenômeno masturbatório, e por fim, *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908)*, por abordar a diferença da moral em si e da moral sexual, que pode levar ao sofrimento do indivíduo. À vista disso, foram excluídas 35 publicações por apenas mencionarem o termo “masturbação” e não discorrerem sobre tal fenômeno, atendendo ao critério de exclusão. Ademais, esse estudo ocupou-se especificamente de um tipo de análise de conteúdo, a categórica temática, a qual caracteriza-se por fragmentar um texto em diversas categorias em que a seleção e a demarcação dessas estão relacionados aos objetivos específicos e a hipótese principal do trabalho. A categorização é dividida em duas etapas: o inventário, em que ocorre a separação dos elementos, e a classificação, onde há a divisão dos elementos, buscando estabelecer uma organização naquilo em que o texto pretende comunicar (BARDIN, 1977). Desse modo, a construção do quadro de análise partiu desses passos, primeiro estruturar na horizontal (linhas) as categorias de estudo: definição de ato masturbatório; masturbação e constituição psíquica; moral sexual e masturbação; masturbação e autoerotismo; masturbação e fantasia; masturbação e circuito pulsional; causas do ato masturbatório; masturbação e produção sintomática. Já na vertical (colunas) o nome das obras estudadas, com a finalidade de realizar recorte dos trechos sobre as temáticas e analisar o que Freud trouxe de contribuição respeitando a cronologia de publicação dos textos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise categórica das obras foi possível apresentar os resultados em torno de três categorias: 1) Definição de ato masturbatório; 2) Moral sexual e masturbação; 3) Masturbação e produção sintomática. No primeiro momento acompanhamos o desenvolvimento do pensamento de Freud sobre o fenômeno masturbatório, aonde vimos ele, inicialmente, localizado nos discursos médicos da época, concebendo a masturbação como uma das causas etiológicas da neurastenia. No entanto, *a posteriori*, Freud (1905) constrói a noção de masturbação deslocada das zonas genitais e expõe que a atividade masturbatória pode ser realizada em toda superfície corporal sempre com o objetivo do retorno à uma satisfação pulsional anterior. Outro ponto importante é que, para além de ofertar uma ampliação do que até então se pensava ser o fenômeno masturbatório, o autor ainda localiza três estágios: “A primeira delas pertence ao período de amamentação; a segunda, ao breve período de florescimento da atividade sexual, por volta dos quatro anos; apenas a terceira corresponde à masturbação da puberdade, frequentemente a única levada

em conta.” (FREUD, 1905, p.95). Esta diferenciação apresenta um marco fundamental, pois demonstra que todos os indivíduos estão submetidos a percorrer essas etapas, sendo fatores determinantes para a constituição e desenvolvimento do psiquismo. No segundo momento, Freud (1908) apresenta suas críticas no que toca a moral sexual vigente em sua época, onde a sexualidade era tomada como sinônimo de um ato sexual entre um homem e uma mulher que visasse a reprodução. O autor aponta que não deve estabelecer uma normalidade na expressão da sexualidade e apresenta que o discurso moral, não conseguiria domar as diferentes formas de obtenção de satisfação presentes da expressão da sexualidade humana. Por fim, no terceiro momento, Freud (1912) irá discutir as consequências das masturbações, no entanto, sem o intuito de patologizá-la, mas sim de apresentar as possíveis formas de adoecimento que poderiam estar implicadas com o fenômeno masturbatório. São elas: o não alcance da experiência de satisfação – diminuição do aumento de uma tensão anterior (desprazer); a fixação em fantasia criadas pelo sujeito, de modo que esse não consiga interagir com o mundo exterior ou em uma experiência anteriormente vivenciada ocasionando o empobrecimento das relações.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do percurso realizado com esta pesquisa e buscando responder o principal questionamento “De que forma Sigmund Freud concebe e articula o fenômeno masturbatório em seus textos?”, foi possível constatar que, para o autor, a masturbação não seria concebida apenas como a estimulação dos órgãos genitais em busca do orgasmo, mas sim como uma prática que pode ser realizada em qualquer extensão do corpo, através da repetição de um estímulo físico que visa o retorno de uma satisfação pulsional anterior. Essa definição é um passo importante para a Ciência, já que Freud busca despatologizar o fenômeno masturbatório e o coloca em um campo das dinâmicas pulsionais. Outro ponto que nos chama a atenção, é que em contraste com o contexto histórico dos discursos médicos da época em que Freud se localizava, assim como apresentado por Foucault, a masturbação não é mais tomada como um dos fatores etiológicos das enfermidades. Freud expõe que a produção sintomática em decorrência da prática masturbatória só ocorre quando houver uma fixação na busca pela experiência de satisfação anteriormente vivenciada, em uma fantasia ou quando o sujeito não consegue diminuir o aumento de sua tensão anterior, o que promove o empobrecimento das relações do sujeito e a produção da neurose. Nesse sentido, ao pensarmos os resultados encontrados em uma atuação clínica, esses achados nos auxiliam a compreender as queixas de vícios e compulsões apresentadas pelos pacientes, por exemplo. No que toca aos debates atuais, vimos que Freud foi inovador ao deslocar a masturbação da concepção exclusivamente genital, assim como a noção de sexualidade, para uma visão mais abrangente sobre as formas de se obter

satisfação, demonstrando que não há um caminho único ou uma normalidade no que diz respeito à sexualidade humana. No entanto, por mais que a temática tenha apresentado seus avanços, há ainda muito a se discutir, já que o discurso moralista/religioso continua presente na sociedade atual. Logo, é de suma importância a existência de produções científicas como essas para que se possa desconstruir a noção de masturbação apenas interligada ao sexo, e ter maior clareza sobre as produções sintomáticas que surgem na prática clínica.

## REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BRENOT, P. **Elogio da Masturbação**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n.70, p.257-278, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017#:~:text=Inicialmente%2C%20os%20autores%20diferenciam%20pesquisa,pesquisa%20com%20o%20m%C3%A9todo%20psicanal%C3%ADtico.&text=Ap%C3%B3s%20a%20pesquisa%2C%20o%20objeto,pela%20an%C3%A1lise%20de%20uma%20entrevista](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017#:~:text=Inicialmente%2C%20os%20autores%20diferenciam%20pesquisa,pesquisa%20com%20o%20m%C3%A9todo%20psicanal%C3%ADtico.&text=Ap%C3%B3s%20a%20pesquisa%2C%20o%20objeto,pela%20an%C3%A1lise%20de%20uma%20entrevista.). Acesso em: 10 abr. 2021.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. de. **Psicologia, uma (nova) introdução**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2017.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). *In*: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.

FREUD, S. O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909). *In*: FREUD, S. **A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 359-389.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). *In*: FREUD, S. **O debate sobre a masturbação**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.183-193.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora Carolina Escobar de Almeida Prado por ter aceitado o convite de trilhar essa pesquisa comigo, pelas trocas, aprendizados e pelo olhar e escuta sempre cuidadosa comigo e com a escrita. Muito obrigada pelas aulas na universidade e pelas marcas que vem deixado em minha graduação. À Juliana Pacheco por

toda contribuição nesse projeto, por despertar em mim a paixão pela Psicanálise desde o primeiro dia da aula na universidade e pela criação do grupo de pesquisa, um espaço em que nos foi permitido realizar discussões riquíssimas sobre a Psicanálise e temáticas sociais, assim como pudemos compartilhar nossas angústias e dificuldades na trajetória da pesquisa. À Ana Cristina Arzabe, por sempre ter me acolhido e pelos ensinamentos preciosos que despertaram meu amor pela prática clínica. À Diogo Corrêa e a Geovana Castrezana por me motivarem a realizar uma produção científica desde os primeiros semestres de graduação. À Andrieli Camilo pelas trocas, incentivo e por sempre me receber de braços abertos e com um sorriso esplendido nos corredores da universidade. Agradeço imensamente ao Guilherme Vitorino por ter me apoiado ao longo do presente trabalho, pela parceria diária, contribuições, e por me encorajar a iniciar essa pesquisa. Muito obrigada por percorrer de mãos dadas comigo os caminhos da graduação e da vida! Agradeço a Maria Helena, pelas escutas que permitem meu crescimento diário. Obrigada pelo cuidado e por ter sempre me reerguido em momentos que estava prestes a desmoronar. Agradeço aos meus colegas de graduação que contribuíram de alguma forma para o presente trabalho, principalmente à Milena Patella e a Bárbara Velo por terem sido minhas primeiras parceiras de iniciação científica e que me incentivaram a estudar sobre sexualidade.